

A GRIPE ESPANHOLA DE 1918



COORD.
ANTERO FERREIRA



casadesarmento
centro de estudos do património

A GRIPE ESPANHOLA DE 1918



casadesarmento

centro de estudos do património

COORD.
ANTERO FERREIRA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

A Gripe Espanhola de 1918

COORDENAÇÃO

Antero Ferreira

AUTORES

Antero Ferreira, Antónia Durán,
Aurora Rego, Carlota Santos,
Célia Oliveira, Dalton Agostinho,
Delminda Rijo, Eunice Relvas,
Helena Silva, José Alfredo Faustino,
Luís Filipe Vieira, Luís Pimenta Damásio,
Manuela Silva, Manuela Ventura,
Marcos Mesquita, Maria Isabel Porras Gallo,
Maria Norberta Amorim, Mercedes Ramírez Ortega,
Milene dos Anjos Fernandes, Odete Paiva,
Otília Lage, Rosalina Pisco, Yuri Agostinho

CAPA

Alexandra Xavier

FOTOGRAFIA DA CAPA

Edward A. “Doc” Rogers, 1873-1960 - Photo by Edward A. “Doc” Rogers.
From the Joseph R. Knowland collection at the Oakland History Room,
Oakland Public Library.

“Enfermeiros da Cruz Vermelha cuidando de pacientes infectados pelo
vírus influenza em Oakland, Califórnia, em 1918.”

EDIÇÃO

Casa de Sarmento - Centro de Estudos do Património | UMinho

DESIGN EDITORIAL

Casa de Sarmento e Alexandra Xavier

ISBN: 978-989-54723-0-7

DOI: <https://doi.org/10.21814/1822.64699>

A GRIPE ESPANHOLA DE 1918

GUIMARÃES
2020

Sumário

Nota de Abertura	
Antero Ferreira	7
Apresentação	
Maria Luís da Rocha Pinto	9
Los efectos de la pandemia de 1918-19 en la lucha contra la gripe en España: el papel de los cambios de percepción del riesgo y la posterior creación de la OMS	
Maria Isabel Porras Gallo; Mercedes Ramírez Ortega	13
Aplicação do EpiInfo na análise de dados dos casos notificados da Gripe A (H1N1) em Angola: actuação e experiência	
Dalton Ngando José Agostinho; Yuri Agostinho	35
A Gripe Espanhola no quadro das epidemias históricas da ilha do Faial	
Maria Norberta Amorim	45
A ilha das Flores na rota da gripe espanhola	
Luís Filipe Vieira	67
O impacto da Gripe Espanhola em Chaves	
José Alfredo Faustino	85
A gripe no Corpo Expedicionário Português	
Helena Silva	117
Os enterros também se fazem à noite: a pneumónica em Guimarães	
Antero Ferreira; Célia Oliveira	137
«A epidemia reinante». A Pneumónica no concelho de Lisboa, 1918	
Eunice Relvas; Delminda Rijo	161
Impactos da gripe espanhola na região do Alto Minho (Norte de Portugal)	
Carlota Santos; Aurora Rego; Manuela Silva; Milene dos Anjos Fernandes	181
Travar a Doença: reflexão da política de saúde pública e impacto da gripe espanhola em Braga	
Marcos Mesquita	211
Evocação da Gripe Pneumónica (1918) em Macedo de Cavaleiros: Uma narrativa ficcional e histórica	
Otília Lage	227

A “influenza” pneumónica no interior centro do país pelo olhar do jornal A Guarda (1918-1919)	
Odete Paiva	251
Ecos da Pneumónica na margem sul do Tejo	
Manuela Ventura	267
La Pandemia de Gripe en la Provincia de Badajoz	
Antonia Durán	277
Requiem para um modernista: 25 de outubro de 1918	
Luís Pimenta Damásio	321
n. Dezembro de 1918. Biografias, Memórias e Histórias de Família	
Rosalina Pisco Costa	337

N. DEZEMBRO DE 1918
BIOGRAFIAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DE FAMÍLIA EM TORNO DA PNEUMÓNICA

Rosalina Pisco Costa¹

¹ Universidade de Évora e CICS.NOVA. UÉvora – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, rosalina@uevora.pt

À avó.
Por todos os Janeiros.

Resumo

A gripe é um fenómeno clínico sazonal que nos é familiar. Porventura, demasiado familiar para que o possamos olhar com o distanciamento e a cautela devida. Este texto procura aprofundar o conhecimento em torno da gripe espanhola de 1918-19 em Portugal, nas suas múltiplas dimensões, inclusive no rasto que, decorridos cem anos, a liga ao tempo presente. Partindo da história de família da autora, neta de uma sobrevivente da gripe pneumónica, nascida em Dezembro de 1918, em Évora (Alentejo, Portugal), são explorados alguns aspectos do contexto histórico, demográfico e social que permitem enriquecer o conhecimento sociológico do fenómeno epidémico e suas múltiplas repercussões. Fazendo uso da autoetnografia, combinam-se contributos metodológicos vários, que triangulam o conhecimento ganho por meio da história e memória familiar, passada de geração em geração, com fontes pessoais e evidências sociodemográficas que compõem a historiografia portuguesa do século XX, e resultados de uma incursão exploratória sobre jornais da época e outras fontes manuscritas e impressas actualmente à guarda do Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Évora. Cem anos depois, equaciona-se, por fim, o lugar que as várias histórias em torno da pneumónica podem ocupar no modo, tempo e propósito com que se (re)conta o passado.

Palavras-chave: gripe, autoetnografia, família, gripe espanhola, *storytelling*.

UM SÉCULO DE VIDA, CEM ANOS DE GRIPE²

Neta de uma mulher nascida em Dezembro de 1918, cresci a ouvir contar histórias em torno da «pneumónica». Mas foi somente mais tarde, durante o ensino secundário, e muito particularmente a partir das aulas de geografia, que tomei consciência que essas histórias familiares, contadas e recontadas num misto de tristeza e distância eram, afinal, uma parte tão real quanto trágica da história mundial. E que aquele proeminente pico estatístico na linha do gráfico referente à mortalidade em Portugal na primeira metade do

² Este texto é dedicado a Teres[z]a de Jesus, nascida «ao nascer do sol» no dia 28 de Dezembro de 1918, no Monte da Carrasqueira, extinta freguesia de São Marcos da Abóbada, Évora, Portugal.

século XX não era formado por números sem rosto, mas sim por personagens com nome próprio e histórias de vida concretas. Algures, a história da minha família sobrepunha-se com aquela linha, ligando-se a muitas outras famílias e histórias espalhadas por todo o mundo em torno da gripe espanhola de 1918-19.

Terá havido outros surtos, mas, no ano de 1918, uma epidemia gripal de dimensão não antes vista foi responsável pela morte de milhões de pessoas em todo o mundo (Barry, 2004; Bristow, 2012; Killingray; Phillips, 2003). Conhecida em Portugal principalmente como «a pneumónica», é referida na maior parte dos países como «a gripe espanhola» (*spanish influenza*) ou a «senhora espanhola» (*spanish lady*) (Sequeira, 2001). A «influência» dos astros, do frio (George, 2014) ou, de um modo mais amplo, dos céus (*influenza coeli*) (Sobral; Lima, 2018), que o vocábulo italiano lhe perpetuou no nome, só em 1933 ficaria completamente esclarecida pela ciência, altura em que o vírus *influenza* foi isolado em laboratório.

Apesar de não existir consenso absoluto entre os autores sobre a cronologia exacta das diversas vagas da doença que grassou entre 1918 e 1919, reúne unanimidade a ideia de que foram três os principais surtos de manifestação da doença durante esses dois anos (Echeverri Dávila, 1993; Honigsbaum, 2013). Uma primeira vaga epidémica surgiu entre Março e Agosto de 1918 em várias zonas do globo. Uma segunda vaga ter-se-á verificado entre Setembro e Novembro do mesmo ano, esta com consequências severas em praticamente todos os continentes. Nalguns locais, terá ainda ocorrido uma terceira vaga entre Dezembro de 1918 e Março de 1919, embora sem a dimensão da anterior.

Em Portugal, há evidências de que a epidemia da gripe ter-se-á manifestado igualmente nas mesmas três vagas (Sousa *et al.*, 2008). Uma primeira vaga vinda de Espanha, de difusão rápida mas pouco perigosa, ocorreu entre finais de Maio e Junho de 1918; uma segunda vaga com início no final do Verão estender-se-ia até Novembro, esta com consequências mais nefastas, originando casos graves de broncopneumonia e lesões pulmonares. Terão sido justamente estas características ligadas à última vaga que levaram o então Director Geral de Saúde, Ricardo Jorge, a classificar a doença de «gripe» ou «*influenza pneumónica*», termo pelo qual a epidemia ficaria conhecida em Portugal (Girão, 2003). Por fim, uma terceira vaga viria a registar-se na Primavera de 1919, entre os meses de Abril e Maio, esta já sem o impacto, em termos de mortalidade, da anterior (Sobral *et al.*, 2009).

Desfeitos os equívocos que erroneamente conduziram ao entendimento de que a «gripe espanhola» teria tido origem em Espanha, mais de um século volvido, a localização geográfica do paciente zero da gripe 1918-19 permanece envolta em interrogações (Echeverri Dávila, 2018; Spinney, 2017). Em

situação de neutralidade perante o conflito bélico de então, a imprensa espanhola terá sido a primeira a dar conta da situação (Crosby, 1976), facto que explica o qualificativo atribuído à gripe como sendo originária daquele país. Não obstante, em contexto português, a origem espanhola parece indubitável desde 1919, altura em que o Director Geral de Saúde reconhecia no relatório intitulado «*La Grippe*» que desse país recebemos a primeira infecção da doença (Jorge, 1919). Como descrito pelo médico e especialista Arnaldo Sampaio, acredita-se que terão sido os trabalhadores agrícolas portugueses quem, em finais de Maio de 1918, trouxe a gripe da Estremadura espanhola (Sampaio, 1958). Os primeiros números terão surgido precisamente em Vila Viçosa, Alentejo, a escassos quilómetros da fronteira que o rio Guadiana ali impõe entre os dois países.

O número de vítimas mortais da gripe espanhola tem tanto de elevado quanto de dramático. Apesar das controvérsias sobre as cifras exactas, o impacto da gripe é notório quando comparado com o da mortalidade provocada pela Grande Guerra de 1914-18 (estimada em 16 milhões de mortos, militares e civis) ou com a Segunda Guerra Mundial, que se estima ter provocado entre 50 a 85 milhões de mortos, entre militares e civis (Sobral; Lima, 2018). Calcula-se que, entre Março de 1918 e Março de 1920, terão sido entre 50 e 100 milhões as vítimas da pandemia da gripe em todo o mundo (Honigsbaum, 2013; Johnson; Mueller, 2002; Spinney, 2017). Com um comportamento semelhante ao verificado no resto do mundo, embora com ritmos e intensidades distintas, em Portugal estima-se que em pouco mais de um ano, e no conjunto, a gripe tenha infectado entre um quinto e um terço dos cerca de seis milhões de habitantes que então compunham a população residente (Abreu; Serrão, 2018), e que cerca de 50.000 pessoas terão sucumbido à doença (Rollo, 2008). Cálculos efectuados por David de Moraes (2012) permitem mesmo aproximar estes números dos 100.000 indivíduos.

Apesar da magnitude dos números, «[t]erminada a epidemia nos princípios de 1919, uma cortina de silêncio desceu sobre o acontecimento», assim afirmou Álvaro Sequeira (2001: 49). Genericamente, sabe-se e fala-se pouco sobre a gripe espanhola. Por todo o mundo, prevalece um certo entendimento segundo o qual a pandemia de 1918-19 é uma «nota de rodapé» (Spinney, 2017) da 1.^a Guerra Mundial, sobre a qual houve um esquecimento generalizado (Crosby, 1976). Esquecimento ou silenciamento, as razões para tal constituem, ainda hoje, tema de interesse renovado com explicações inconclusivas. Desde logo, pela acentuada pequenez do número de vítimas da Primeira Guerra Mundial ante a grandeza dos efectivos que sucumbiram à gripe espanhola (Honigsbaum, 2013). Ainda assim, o espectáculo de morte e

destruição provocado pela guerra, a urgência por reconstruir uma Europa devastada (Spinney, 2017), a impotência da medicina que se revelava «enferma» (Bertucci, 2004) para solucionar a crise epidémica e salvar vidas numa altura em que se celebravam as grandes descobertas da bacteriologia e da microbiologia, a incapacidade dos poderes políticos e administrativos fazerem frente à pandemia (Barry, 2004), o trauma provocado nas famílias que assistiam a uma morte próxima, «dentro de portas» (Milne, 2018), ou o receio de um novo castigo divino (Rollo, 2008), são algumas das razões apontadas para esse silenciamento entre os vários autores que o têm assinalado.

Na Nova Zelândia, um levantamento efectuado em 2017 a memoriais publicamente acessíveis relativos à pandemia da gripe deu conta de um número considerado pequeno (sete), sobretudo quando comparado ao número de memoriais dedicados a desastres ou catástrofes naturais e à guerra (Wilson *et al.*, 2017). O mesmo estudo identificou uma realidade semelhante para outros países, desconhecendo-se à data qualquer trabalho publicado sobre memoriais dedicados à pandemia da gripe de 1918-19. Excluindo lápides tumulares ou estátuas de homenagem a figuras de relevo no combate à doença, os memoriais especificamente relacionados com as vítimas da gripe espanhola são relativamente recentes e estão localizados em cemitérios (e.g. *NZ Influenza Epidemic Memorial* (1988), *Waikumete Cemetery*, Auckland, Nova Zelândia e *The Regina Spanish Flu Memorial* (2017), Canadá).

Portugal parece não ser excepção a este cenário de desconhecimento e invisibilidade no que à gripe espanhola diz respeito. Do ponto de vista científico, para além dos escritos da época, a produção sobre o tema tem sido parca e até muito recentemente centrada quase exclusivamente nas ciências médicas (Abreu; Serrão, 2018). A própria historiografia portuguesa do século XX parece não fazer jus ao devido lugar deste evento no curso dos acontecimentos no país (Silva, 2018). No que respeita à memória colectiva inscrita na vida de todos os dias, estão também por identificar quaisquer monumentos (Sobral; Lima, 2018) ou outros memoriais dedicados à gripe espanhola em Portugal³.

Este texto procura aprofundar o conhecimento em torno da gripe espanhola em Portugal, nas suas múltiplas dimensões, inclusive no rasto que 100 anos depois a liga ao tempo presente. De entre as várias abordagens possíveis, nomeadamente as epidemiológicas, históricas ou demográficas, insinamente

³ Uma pesquisa exploratória no motor de busca *Google* e *Google/Imagens* com os termos «gripe espanhola» + «memorial» + «estátua» + «lápide» + «Portugal», efectuada em Setembro de 2018 permitiu identificar em Sesimbra uma placa toponímica a recordar Aníbal Esmeriz, médico municipal entre 1914 e 1918 e que aí faleceu em 1918, infectado com o vírus que contraiu a tratar doentes da pandemia da gripe.

levadas a cabo por outros autores em contexto português (Frada, 1998, 2005; Rebelo de Andrade, 2001; Sobral *et al.*, 2009), adopta-se um ponto de vista diferente, embora complementar. A autoetnografia é um método de pesquisa qualitativa emergente, onde o autor parte da sua experiência pessoal para ampliar a compreensão sobre um determinado fenómeno social (Ellis; Bochner, 2000; Wall, 2006). Usualmente redigida na primeira pessoa, adopta um estilo de escrita altamente personalizado, o que faz com que esta não seja apenas uma forma de «contar» uma história, mas, sobretudo, de «conhecer», um «método de descoberta e análise», como refere Laurel Richardson (1994). No caso concreto, tomando a história de família da autora como ponto de partida, procura-se daí destacar os aspectos do contexto histórico, demográfico e social que permitem enriquecer o conhecimento sociológico do fenómeno epidémico e suas múltiplas repercussões⁴.

Empiricamente, combinam-se neste texto contributos metodológicos vários, que triangulam o conhecimento ganho por meio da história e memória familiar, passada de geração em geração, com fontes pessoais e evidências sociodemográficas que compõem a historiografia portuguesa do século XX. Adicionalmente, foi levada a cabo uma consulta exploratória de jornais da época e de outras fontes, manuscritas e impressas, incluindo correspondência trocada entre os serviços sanitários e administrativos da região e diversos outros documentos elaborados à data por entidades oficiais que permanecem actualmente à guarda do Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Évora. No final, espera-se contribuir para aprofundar o conhecimento em torno da pandemia da gripe espanhola em contexto português e, muito particularmente, na região Alentejo, aperfeiçoando o ainda incompleto retrato do país nessa matéria, como aliás ficou demonstrado nas Jornadas de População e Saúde «A Gripe Espanhola de 1918», realizadas em Outubro de 2018 na cidade de Guimarães.

O CICLO INTERROMPIDO E A RODA DA VIDA

O que é que os nossos nomes dizem de nós? De quem somos? Da nossa família? Da nossa história? Em 1918, durante a gravidez da minha bisavó, uma sobrinha sua faleceu, vítima da pneumónica. Essa jovem rapariga, nos

⁴ A adopção do pronome pessoal «eu» sustenta de forma inequívoca a implicação da autora na história que se conta, mas também no modo como essa história é contada. E se é certo que a história que se conta denuncia uma motivação eminentemente pessoal para a redacção do texto; já o modo como se conta essa história não deixa de fora a curiosidade científica e o olhar sociológico, marcas idiossincráticas de quem conta, escrevendo, a história.

seus vinte anos, não sobreviveu à epidemia que, em Portugal, vitimou milhares de pessoas. A rapariga chamava-se Teresa e a criança que viria ao mundo ao nascer do sol do dia 28 de Dezembro recebeu esse mesmo nome como um tributo à sua memória. Deste modo, a história da sua curta e trágica vida seria para sempre recordada na nossa família. Edviges da Conceição e ti' Rosária foram as duas únicas grávidas das redondezas a sobreviver à letalidade da doença. Para isso terá valido o repouso permanente a que estavam aconselhadas e a toma de pequenas doses de aguardente, a qual teria sido prescrita pelos médicos e adoptada pela população como forma de combater a doença. Morriam casas inteiras de famílias. Eram três irmãs que andavam sempre juntas: a guerra, a peste e a fome.

Vista de perto, a perpetuação geracional do nome *Teresa*⁵ inscreveu na história da família a memória da gripe, ao mesmo tempo que a narrativa oral, contada e recontada em seu redor, ajudou a sedimentar conhecimentos e representações em torno da pandemia, dos seus contextos e impactos, os quais vão muito para além da (aparente) banalidade de um nome próprio. Visto ao longe, o confronto entre a realidade próxima da história de família e as evidências sociodemográficas disponíveis para aquele período têm tanto de confirmatório quanto de revelador sobre o cenário descrito a partir da metáfora fortemente enraizada no imaginário popular, revelado pela trilogia tétrica das três irmãs que andam sempre juntas.

Procuremos, no contexto de então, as evidências da trilogia descrita que, de forma tão evidente, surgem na representação gráfica da evolução da mortalidade em Portugal, no primeiro quartel do século XX (David de Moraes, 2002). Segundo Mário Leston Bandeira, não obstante a observação estatística não merecer, pelo menos até 1911, «inteira credibilidade», facto que dificulta a análise rigorosa dos fenómenos demográficos durante o início do século XX, «[...] parece claro que até aos anos 20 a estabilidade parece ter dominado a linha global de tendência da mortalidade e da natalidade. Enquanto a mortalidade mantinha valores relativamente moderados, à volta de 20‰, a natalidade situava-se cerca de 10 pontos acima deste nível. Esta diferença traduzia-se numa taxa de crescimento natural média de cerca de 1‰» (Bandeira, 1996: 161). O ano de 1918 vem interromper violentamente esta situação. Neste ano a taxa de mortalidade alcançou os 41,40‰, quase duplicando os valores do ano imediatamente antes e depois, nomeadamente 22,33‰ em 1917 e 25,38‰ em 1919 (Bandeira, 1996: 429). No contexto dos vários distritos portugueses, Évora registava uma taxa de mortalidade de 44,10‰ em 1918, um valor superior à média nacional para esse período (Bandeira, 1996: 429). A tendência relativamente ao ano anterior e seguinte

⁵ Teresa (avó, n. 1918), Teresa (neta, n. 1973), Ana Teresa (bisneta, n. 2001).

foi idêntica à verificada no conjunto do país: em 1917, a taxa bruta de mortalidade no distrito de Évora foi de 24,50‰ e, em 1919, de 20,25‰ (Bandeira, 1996: 429). Para lá das taxas de mortalidade, as taxas de crescimento natural revelam bem o impacto da gripe de 1918. Portugal, em 1917, teve uma taxa de crescimento natural de 9,04‰, em 1918 de -11,69‰, em 1919 de 2,21‰ e, em 1920, de 9,95‰, aproximando-se dos valores anteriores à gripe de 1918 (Bandeira, 1996: 473). No distrito de Évora, a evolução foi bastante semelhante: em 1917, a taxa de crescimento natural foi de 8,22‰, em 1918, de -12,09‰, em 1919, de 9,54‰ e, em 1920, de 12,93‰ (Bandeira, 1996: 473).

Uma interessante e detalhada análise levada a cabo por João David de Morais, em torno da mortalidade por anos, sexos, idades, meses, distritos e grandes regiões, ajuda a aprofundar a leitura e interpretação destes números (Morais, 2012: 98 e ss.)⁶. A análise dos dados traduz de forma evidente o surto epidémico de gripe pneumónica em 1918, com um total de 53.975 óbitos declarados nesse ano (David de Morais, 2012: 98). O mesmo autor refere que se se restringir a análise à década em que surgiu esse surto, 1915-1924, observa-se que 81,0% (LC: 81,0-81,3) dos falecimentos por gripe ocorreram em 1918. Dos 53.975 óbitos por gripe registados em 1918, 46,6% (LC: 46,2-47,1) eram do sexo masculino e 53,4% (LC: 53,0-54,0) do sexo feminino, embora não tenham sido encontradas diferenças estatisticamente significativas. O número de óbitos mostrou uma evolução decrescente com a idade, a partir dos 40 anos, verificando-se que a maior mortalidade ocorreu nas crianças e nos adultos jovens até aos 30-39 anos de idade. No ano de 1918, 90,0% dos óbitos (48.565) ocorreram nos meses de Outubro e Novembro, com especial relevância para Outubro. Em relação ao número total de óbitos, o distrito de Lisboa assumiu a posição cimeira e o distrito de Portalegre foi o menos penalizado. Finalmente, no apuramento global por grandes regiões, verificou-se a seguinte distribuição dos 53.975 óbitos de 1918, em valores decrescentes: Região Centro, Região de Lisboa e Vale do Tejo, Região Norte, Região Sul. Analisando a sobremortalidade segundo a incidência por 100.000 habitantes encontrou-se, por ordem decrescente de importância, a Região de Lisboa e Vale do Tejo, Centro, Sul e a região Norte como a mais poupada.

É preciso, no entanto, referir que os números da mortalidade por gripe surgem num contexto mais amplo, onde interagem outras doenças com particular incidência à época. Na leitura desses números, David de Morais su-

⁶ Segundo o autor, «Dado que a mortalidade por gripe pneumónica se revestiu nas Ilhas Adjacentes de fraca acuidade quantitativa [...]», esta análise incide apenas sobre Portugal Continental.

blinha especificamente a co-morbilidade gripe/tifo/varíola. Como descreve, «[...] afinal, em 1918-1919 não se abateu sobre Portugal Continental apenas uma epidemia, mas sim três, concomitantemente (facto que, em geral, passou despercebido aos estudiosos): gripe pneumónica – situação já sobejamente conhecida –, tifo epidémico e varíola.» (David de Moraes, 2012: 103).

Laura Spinney (2017) salienta que a pandemia da gripe foi moldada pela interacção de um vírus com os seres humanos que encontrou. Também em Portugal, a história da gripe «deve ser contada considerando o contexto do País que éramos» (Rollo, 2008). A enunciação dos factores que, em solo português, terão contribuído para o carácter extremamente violento da epidemia gripal são relativamente consensuais entre os autores que têm estudado este período, muito embora o peso exacto de cada um desses factores e o seu alcance esteja por determinar. Terá havido, isso sim, uma combinação de factores de natureza social, económica, política, nutricionais e sanitários «que interagiram entre si e se potenciaram» (David de Moraes, 2012: 103). A literatura histórica e epidemiológica permite concluir que a generalidade da população portuguesa de então gozava de um baixo nível socioeconómico e que o estado de saúde era precário, com deficiências assinaláveis ao nível alimentar, sanitário e de higiene (Sousa *et al.*, 2008). A rede hospitalar era deficiente e as dificuldades de cobertura médica e assistenciais notórias, sobretudo em zonas rurais e de difícil acesso. Em Portugal vivia-se uma crise económica, acompanhada de agitação social e política fortíssima, que, aliás, viria a culminar no assassinato do então Presidente da República, Sidónio Pais, em Dezembro de 1918 (Sobral *et al.*, 2009). A estes factores ter-se-ão juntado outras razões propiciatórias à fácil disseminação da doença, nomeadamente a movimentação populacional, fosse a decorrente da sazonalidade agrícola, como as ceifas ou vindimas, fossem as feiras e romarias, deslocações de e para estâncias balneares e termas e outras actividades típicas dos meses de Verão, fossem, por fim, as movimentações de soldados no período em que se desencadeavam as últimas ofensivas militares (Girão, 2003). O cenário adensava-se: «A Guerra, a Fome, a Morte, concertaram-se em cortejo fúnebre, ao rubro em 1918» (Rollo, 2008: 89), daí resultando uma imparável «marcha da morte», como Paulo Girão (2003: 5) habilmente a apelidou.

O PASSO DESCONTINUADO E A MARCHA DA MORTE

Em noite de Santo António, uma mulher mais velha encarregar-se-ia de passar, em forma de cruz, um ovo pela fogueira, para depois o partir para um copo de água que repousaria ao luar até ao dia seguinte. O resultado, acreditava-se,

constituía um presságio sobre a vida futura das raparigas solteiras, particularmente sobre a sorte ou o azar que as esperava no casamento, sobretudo das já comprometidas, como acontecia com Teresa. O amanhecer do dia de Santo António não terá trazido um bom augúrio para o promitente casal. A forma desalinhada que o ovo assumiu terá levado as mulheres mais velhas a acreditar que algo de mau estava para acontecer. Como o namorado de Teresa integrava o Corpo Expedicionário Português, todos pensaram que o pior haveria de suceder ao jovem soldado mobilizado para combater em França.

Como lembra Jacques Le Goff (1985: 7-8), «a doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às representações, às mentalidades». Numa sociedade rural e pouco escolarizada, superstições e crenças populares como as aqui descritas, preceitos religiosos, saberes e práticas enraizadas na tradição das famílias e das comunidades faziam parte imbricada do contexto sociocultural que haveria de receber – não sem ilusões e resistências várias – o conjunto de medidas profiláticas de combate à gripe que emanavam das várias autoridades administrativas e sanitárias regionais e locais, mais tarde também da sociedade civil e igreja (Sousa *et al.*, 2008).

À semelhança do que aconteceu nos outros países, também em Portugal a gripe pneumónica suscitou intervenções diversas de prevenção e combate por parte das autoridades administrativas e sanitárias. Para o efeito foram mobilizadas as delegações regionais de saúde e respectivas subdelegações, governos civis e câmaras municipais, que em articulação com Lisboa e as autoridades centrais tentavam combater os avanços da epidemia. No entanto, como afirma Paulo Girão (2003: 60), «[...] a luta iria revelar-se demasiado desigual». Vários foram os factores que contribuíram para essa situação, desde logo, «[...] o carácter violento e rápido que caracterizou o aparecimento da gripe pneumónica em Portugal» (Girão, 2003: 13). Para além disso, «o desconhecimento dos processos clínicos no tratamento da doença, a deficiente rede sanitária, as dificuldades de comunicação e de transporte, a escassez de recursos financeiros, humanos e materiais e a lentidão burocrática na aplicação de medidas concretas» (Girão, 2003: 79), foram algumas das condicionantes que contribuíram para diminuir a eficácia das medidas de prevenção, tratamento e apoio às vítimas e suas famílias. Um dos principais obstáculos no combate à doença estaria, aliás, contido em si própria. Para a população em geral o quadro clínico associado a esta doença do aparelho respiratório, marcado por febre, arrepios, dores musculares, sinais de coriza e prostração, pode facilmente confundir-se com o de outras afecções, como o resfriado comum (a vulgar constipação). Do ponto de vista dos serviços de

saúde, o facto de a gripe ser causada por um vírus que viria a ser descoberto apenas em 1933 é um factor frequentemente esquecido na compreensão das dificuldades de luta contra a doença enfrentadas uma quinzena de anos antes pela ciência em geral, e pela medicina em particular (George, 2014).

As dificuldades sentidas no combate à doença e na ajuda às populações foram situações comuns em praticamente todos os países atingidos pela epidemia de 1918 (Girão, 2003) e o quotidiano da cidade de Évora não terá sido excepção. Uma pesquisa exploratória por diversas fontes manuscritas e impressas encontrou sinais avulsos embora impressionistas da forte presença e impacto da gripe no quotidiano da cidade de então.

No jornal *Notícias d'Évora*, edição de 29 de Dezembro de 1918 (anno XIX, n.º 5:391), é apresentada uma lista de enterramentos relativa ao mês de Outubro. No dia 31 de Outubro, foram nove os enterramentos na cidade, todos por gripe pneumónica. Quando recuamos a esse mês, encontramos entre a correspondência da Câmara, com data de 26 de Outubro de 1918, uma carta da casa *Achon & Du Roveray, L.^{da}*, que se dispunha a fornecer, «a retalho ao preço de \$70 por cada quilo», uma remessa de alcatrão vegetal, «o melhor desinfétante no momento epidemico que atravessamos – o qual temos fornecido ás diversas Camaras Municipais do País [...]»⁷.

A 7 de Outubro de 1918, a Misericórdia de Évora escreve à Câmara Municipal de Évora. Porque o hospital se preparava para «receber os doentes atacados da ipedimia gripe-pneumonica» e, porque, «consoante indicações do Ex.º Delegado de Saude e instruções das competentes autoridades, em tudo deve existir a maior higiene», chamava a «especial atenção» para o facto de que «uma das ruas de principal acesso ao hospital – a do Dr. Joaquim Henriques da Fonseca – não tem sido convenientemente varrida e lavadas as suas regueiras o que determina a acumulação de porcarias á porta do edificio, exalando por vezes extraordinario cheiro.» O então provedor da Misericórdia de Évora dirigia-se ao Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Évora «rogando-lhe a fineza de determinar que a aludida rua seja convenientemente limpa e desinfectada».

Em carta datada de 5 de Dezembro de 1918, dirigida ao Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Évora, o Delegado de Saúde do Distrito de Évora afirmava que «oficialmente considera-se extincta a epidemia desde os fins de novembro». Porém, num outro registo, esse relativo à correspondência do Governo Civil, encontra-se, com data de 22 de Maio de 1919, uma carta do Delegado de Saúde à época, José Lopes Marçal, dando conta da persistência dos sintomas: «Tenho informado a Direcção

⁷ A transcrição *verbatim* respeita a ortografia deste e dos seguintes documentos citados.

Geral de Saude da actual evolução epidemica neste districto, continuação não interrompida da epidemia outonal do anno findo, – que agora se agravou, com demonstrações de casos fataes no começo de abril ultimo, e que não pode actualmente ser proclamada epidemia de character benigno, em vista dos elementos estatisticos que as subdelegações de saude estão enviando». Por isso, afirmava, «[...] é necessário manter [sublinhado original] as providencias sanitarias que com bastante intensidade foram atendidas e executadas pela Camara, pelo Commissario e Administração do Concelho na epoca do fastigio d'esta mesma epidemia».

Do que fica exposto resulta claro como o ciclo interrompido de tantas vidas pela gripe de 1918-19 só pode ser cabalmente entendido quando se toma como lugar de análise o contexto mais amplo dessa «morte anunciada» (Trindade, 1998). Os anos em que se assinala o centenário da gripe espanhola devem, pois, servir também de estímulo a pensar o lugar que as várias histórias, não somente a história escrita, pública ou oficial, mas as múltiplas histórias orais, privadas e pessoais, podem ocupar no modo, tempo e propósito com que se (re)conta o passado.

UM SÉCULO DE GRIPE, CEM ANOS DE HISTÓRIAS

A muitos quilómetros de distância, o jovem soldado estranhava a ausência de cartas de Teresa. Um dia, apercebeu-se que os companheiros de combate comentavam algo a seu respeito. «Se ele soubesse o que aconteceu...», diziam. Insistentemente perguntou o que se passava. Suspeitava que o vaivém interrompido de correspondência seria um sinal de que Teresa se tinha cansado de o esperar e que outro, mais próximo, lhe teria roubado o coração que julgava pertencer-lhe para sempre. Perante tal desespero, o companheiro de caserna viu-se então forçado a revelar a triste notícia que por carta lhe tinha chegado. Não fora outro homem que lhe roubara Teresa, mas sim a pneumónica que sem piedade lhe ceifara a alegria e a juventude.

Cem anos passados sobre a pandemia de 1918-19, esta podia bem ser a história do presente. Muito embora a memória da gripe possa efectivamente estar longe da história de muitos de nós, o vírus *influenza* atravessa o nosso quotidiano. A gripe é um fenómeno clínico sazonal que nos é familiar. Porventura, demasiado familiar para que o possamos olhar com o distanciamento e a cautela devida. De facto, durante as épocas mais frias do ano, nomeadamente no Inverno, a gripe continua a matar. A intensidade desses números varia de ano para ano, ainda assim, estima-se que anualmente o *influenza* seja responsável por mais de 500.000 mortes por todo o mundo (European Commission, 2007).

Depois de 1918-19, outras pandemias de gripe ameaçaram a saúde pública internacional. Em 1957, foi a chamada «gripe asiática»; em 1968, a «gripe de Hong Kong»; mais recentemente, em 2009, a Pandemia de gripe A (H1N1). Porque se trata de uma doença infecto-contagiosa, rapidamente transmissível por contágio directo pela via oral ou nasal; porque o vírus da gripe se encontra em constante mutação, o que faz com que facilmente deixe de ser reconhecido pelo sistema imunitário humano; porque o vírus sobrevive fora do hospedeiro, encontrando nas aves um reservatório privilegiado, o *influenza* constitui uma ameaça real e uma preocupação séria para entidades médicas e serviços de saúde à escala global.

Precisamente no ano em que se assinalaram os 100 anos sobre a gripe espanhola, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentava como primeira ameaça à saúde global em 2018, no topo de uma lista de dez ameaças, o vírus *influenza*. Na página dessa organização podia ler-se:

Outra pandemia de influenza é inevitável. Neste mundo interconectado, o próximo surto global de gripe é uma questão de «quando», não de «se» – com consequências de longo alcance. Uma pandemia grave pode resultar em milhões de mortes e destruir mais de 1% do PIB global.

Percorremos um longo caminho nos cem anos desde que a gripe espanhola matou cerca de 100 milhões de pessoas. Agora temos os meios para detectar e fazer face ao influenza quando este ataca. Todos os anos, a OMS recomenda a vacinação para proteger as pessoas da gripe sazonal em todo o mundo. Mais de 150 instituições de saúde pública em 110 países trabalham em conjunto na vigilância e resposta global. Mas nada sobre a gripe é previsível, incluindo como e onde a próxima pandemia irá emergir⁸.

A Organização Mundial de Saúde é peremptória: uma nova pandemia de gripe surgirá (OMS, 2018; 2019); é uma questão de «quando» e não de «se»⁹. Romper com a «cortina de silêncio» (Sequeira, 2001) que desceu sobre a gripe espanhola é tão importante quanto necessário para preparar as gerações actuais para um eventual futuro¹⁰. Mas como fazer isso? Como desviar essa espessa e densa «cortina de silêncio» a que a gripe espanhola parece ter sido votada? Que histórias devemos contar? Como podemos fazê-lo?

⁸ Tradução da autora. Original disponível em *10 threats to global health in 2018* (OMS, 2018).

⁹ Orig. «the next global flu outbreak is a matter of ‘when’ not ‘if’» (OMS, 2018).

¹⁰ Consciente desta ameaça global, a Comissão Europeia estabeleceu pela primeira vez no 7.º Quadro Comunitário de Apoio (FP7, 2007-2013) fundos próprios direccionados ao tópico «*Emerging Infectious Epidemics*», os quais explicitamente focam o *influenza*. Um catálogo publicado em 2007 reúne informação detalhada sobre 39 projectos financiados entre 2001 e 2007 pela Comissão Europeia nesse domínio (European Commission, 2007).

Na Irlanda, a historiadora Ida Milne entrevistou sobreviventes da gripe espanhola e, através da história oral reconta-nos como foi, na primeira pessoa, sofrer dessa doença (Milne, 2018). No livro *Empilhando os Caixões [Stacking the Coffins]*, há também excertos de entrevistas a familiares dos enlutados que falaram das suas memórias de criança ou adolescente, do que ouviram e do que foram ouvindo ao longo do tempo, e do impacto dessas histórias e recordações nas suas vidas.

No Canadá, a propósito da comemoração, em 2017, dos 150 anos sobre a assinatura do Acto Constitucional de 1867, a gripe espanhola foi incluída no rol dos momentos-chave da história do país. No âmbito do projecto *Defining Moments Canada* (2018), participantes oriundos de escolas, museus e parceiros diversos da sociedade civil foram chamados a contar a história da sua família e a partilhá-la digitalmente. Recorrendo às estratégias narrativas do *storytelling*, os participantes escolheram uma pessoa ou evento com significado pessoal especial e exploraram a pandemia da gripe espanhola a partir da perspectiva dessa pessoa ou evento. Um conjunto de histórias anónimas, pessoais e necessariamente singulares foram então recuperadas, construídas e contadas como parte da história do Canadá. O objectivo último foi o de envolver a população na história do seu país e, ao mesmo tempo, estabelecer entre essa história e o século XXI relações que vão para além dos círculos restritos impostos pela família, escola ou comunidade local.

Em Portugal, a pneumónica de 1918 foi, em termos de mortalidade, «a maior tragédia do século XX» (Sequeira, 2001). Há evidências e testemunhos vários da dimensão pública da gripe que um pouco por todo o país fechou escolas, abriu enfermarias e obrigou a enterrar dezenas de cadáveres num só dia, inclusive à noite (Rollo, 2008). Algumas personalidades de relevo sucumbiram à doença (e.g. Conde de Almeida Araújo, um neto do visconde de Alvalade, os compositores António Fragoso e Pedro Blanco, os pintores Amadeo de Souza-Cardoso e Santa-Rita, e também os videntes de Fátima, Francisco e Jacinta (Sobral; Lima, 2018), e a doença parece ter afectado todos, ricos e pobres, enfermeiros, farmacêuticos e até médicos.

No plano privado da vida das famílias, pouco ou nada se sabe. Mas a efeméride de 2018-19 pode constituir-se numa oportunidade para saber mais sobre como no espaço privado, em casa, nas famílias e ao longo das gerações, este tema foi tratado. As experiências retratadas na Irlanda e Canadá permitem antecipar um desenho de investigação que combine, de forma criativa (Kara, 2015), as técnicas da entrevista qualitativa em profundidade (Mason, 2002) com a estrutura narrativa subjacente ao *storytelling* (Berger; Quinney, 2004; Gough, 2008), possibilitando assim a escrita de uma história privada da

gripe espanhola em Portugal. Se é certo que os sobreviventes (centenários) da gripe espanhola serão hoje pouco numerosos, dificultando a tarefa de replicar em Portugal o trabalho que Ida Milne desenvolveu há anos na Irlanda, será ainda possível ouvir os familiares desses sobreviventes e recolher, junto deles, as histórias sobre a gripe espanhola que foram passando de geração em geração. Na verdade, o aumento da longevidade acarreta a possibilidade de encontrar, a um mesmo tempo, indivíduos da mesma família que pertencem a várias gerações diferentes e que coexistem durante um período substancialmente grande das suas vidas. Porque bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos convivem mais tempo uns com os outros, seria interessante compreender qual o impacto dessa coexistência nas histórias que geracionalmente as famílias contam a si mesmas sobre a gripe espanhola e no modo como as contam.

Para além das fontes oficiais, das estatísticas e dos documentos públicos, é possível recorrer às pessoas para, à micro-escala, encontrar indícios que permitam compreender como e se a gripe espanhola foi efectivamente esquecida no plano privado, como no plano público parece tê-lo sido (Sobral; Lima, 2018). Por um lado, tais histórias poderão dar-nos pistas sobre o modo como as famílias esquecem. Por que o fazem? Quais são as estratégias e processos que usam para tal? Por outro, essas histórias permitem também compreender quem são os guardiães da memória familiar. Para quem e como é que a transmissão das memórias é feita? E como são essas memórias reconstruídas? Finalmente, como pode tudo isto ser importante para lidar com eventuais novas pandemias da gripe?

Como afirma a Organização Mundial de Saúde, «outra pandemia de *influenza* é inevitável. [...] Mas nada sobre a gripe é previsível, incluindo como e onde a próxima pandemia irá emergir» (OMS, 2018). As muitas dúvidas que temos em 2018-19 não são suficientes para abalar as certezas de 1918-19. Definitivamente, é urgente fazer subir a «cortina de silêncio» de que falava Álvaro Sequeira. Só assim conseguiremos procurar a resposta às questões que colocámos e compreender como podemos aprender (mais) com o passado para pensar e antecipar o futuro, prevenindo no possível as consequências de um ataque epidemiológico similar. Se é certo que o curso da história não poderá livrar-nos da vulnerabilidade biológica, deve em tudo contribuir para atenuar a ingenuidade sociológica.

AGRADECIMENTOS

Uma versão deste texto foi inicialmente apresentada como comunicação oral com o título «*The Centenaries of the Spanish flu. Biographies, Memories and Family Stories*» no Workshop «*The social impact of epidemics: A workshop marking 100 years of the Great Flu Epidemic of 1918*», entre os dias 3 e 5 de Setembro de 2018 na Oslo Metropolitan University (Noruega), organizado pelo *Centre for Welfare and Labour Research, Oslo, Akershus University College, The Norwegian Demographic Society e The EAPS (European Association for Population Studies) Working Group on Health, Morbidity and Mortality (HMMWG)*. Agradeço a todos os participantes desse *workshop*, particularmente aos organizadores, Svenn-Erik Mamelund e Yonathan Anson, os comentários e sugestões que sabiamente me fizeram tendo em vista a publicação do texto. Agradeço igualmente a Antero Ferreira (ADEH – Associação de Demografia Histórica; Casa de Sarmento) e a todos quantos participaram das Jornadas de População e Saúde «A Gripe Espanhola de 1918» (Guimarães, 25 e 26 de Outubro de 2018) as observações e incentivo a integrar este livro. Por fim, agradeço a Maria da Graça David de Moraes as valiosas sugestões de leitura e a instigação a procurar na imprensa coeva os sinais quotidianos da gripe de 1918 em Évora, e a Maria do Rosário Pitteira Martins o imprescindível apoio na identificação de algumas dessas evidências junto do Arquivo Municipal da Câmara Municipal de Évora.

Bibliografia

- ABREU, Laurinda; SERRÃO, José Vicente (2018). Revisitar a pneumónica de 1918-1919: introdução. *Ler História*, 73, pp. 9-19. Em <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.3944>
- BANDEIRA, Mario Leston (1996). *Demografia e Modernidade – família e transição demográfica em Portugal*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa.
- BARRY, John M. (2004). *The Great Influenza: The Story of the Deadliest Pandemic in History*. Penguin Books, New York.
- BERGER, Ronald J.; QUINNEY, Richard (ed.) (2004). *Storytelling Sociology: Narrative as Social Inquiry*. Lynne Rienner Publishers, Boulder.
- BERTUCCI, Liane Maria (2004). *Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Editora Unicamp, Campinas.
- BRISTOW, Nancy K. (2012). *American Pandemic: The Lost Worlds of the 1918 Influenza Epidemic*. Oxford University Press, New York.
- CROSBY, Alfred (1976). *Epidemic and Peace 1918*. Greenwood Press, Connecticut, Westport.
- DAVID DE MORAIS, João Augusto (2012). Surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. III – Gripe pneumónica. *Medicina Interna*, 19, pp. 97-104. Acedido a 31-08-2018, em http://www.spmi.pt/revista/vol19/vol19_n2_2012_097_104.pdf
- DAVID DE MORAIS, Maria da Graça (2002). *Causas de Morte no Século XX. Transição e estruturas da mortalidade em Portugal Continental*. Edições Colibri, Lisboa.

- DEFINING MOMENTS CANADA (2018). *The Spanish Flu Pandemic 1918-1919*. Acessado a 31-05-2019, em <https://definingmomentscanada.ca/the-spanish-flu/>
- ECHEVERRI DÁVILA, Beatriz (1993). *La Gripe Española. La Pandemia de 1918-1919*. Centro de Investigaciones Sociológicas, Siglo XXI, Madrid.
- ECHEVERRI DÁVILA, Beatriz (2018). En el centenario de la gripe española: un estado de la cuestión. *Revista de Demografía Histórica*, 36, pp. 17-42.
- ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Art (2000). Autoethnography, personal narrative, reflexivity, in DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA, Sage, pp. 733-768.
- EUROPEAN COMMISSION (2007). *Influenza Research – EU Funded Projects 2001-2007*. European Commission, Luxembourg.
- FRADA, João (2005). *A Pneumónica de 1918 em Portugal Continental. Estudo sócio-económico e epidemiológico com particular análise no concelho de Leiria*. Sete Caminhos, Lisboa.
- FRADA, João José Cúcio (1998). *A pneumónica de 1918 em Portugal continental. Estudo socioeconómico e epidemiológico, com particular análise do concelho de Leiria*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- GEORGE, Francisco (2014). *História da Gripe*. Direcção Geral de Saúde. Acessado a 30/08/2018, em <http://www.dgs.pt>
- GIRÃO, Paulo (2003). *A Pneumónica no Algarve (1918)*. Caleidoscópio, Casal de Cambra.
- GOUGH, Noel (2008). Storytelling, in GIVEN, Lisa. M. (ed.). *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Thousand Oaks, Sage, pp. 832-833.
- HONIGSBAUM, Mark (2013). *A History of the Great Influenza Pandemics: Death, Panic and Hysteria, 1830-1920*. I. B. Tauris, London and New York.
- JOHNSON, Niall Philip; MUELLER, Juergen (2002). Updating the accounts: global mortality of the 1918-1920 «Spanish» influenza pandemic. *Bulletin of the History of Medicine*, 76, pp. 105-115. Em <https://doi.org/10.1353/bhm.2002.0022>
- JORGE, Ricardo (1919). *La Grippe. Rapport préliminaire présenté à la Commission Sanitaire des Pays Alliés, dans sa session de Mars 1919*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- KARA, Helen (2015). *Creative research methods in the social sciences. A practical guide*. Polity Press, Bristol.
- KILLINGRAY, David; PHILLIPS, Howard (dir.) (2003). *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919: New Perspectives*. Routledge, London.
- LE GOFF, Jacques (org.) (1985). *As doenças têm história*. Terramar, Lisboa.
- MASON, Jennifer (2002). *Qualitative researching* (2nd ed.). Sage, London.
- MILNE, Ida (2018). *Stacking The Coffins. Influenza, War And Revolution In Ireland, 1918-19*. Manchester University Press, Manchester.

- OMS (2018). *10 threats to global health in 2018*. Acedido a 31-08-2018, em <https://medium.com/@who/10-threats-to-global-health-in-2018-232daf0bbef3>
- OMS (2019). *10 threats to global health in 2019*. Acedido a 31-05-2019, em <https://medium.com/@who/ten-threats-to-global-health-in-2019-fbe019ca7edf>
- REBELO DE ANDRADE, Helena (2001). *Aspectos Epidemiológicos e Viroológicos da Gripe: Desenvolvimento de um sistema de vigilância*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- RICHARDSON, Laurel (1994). Writing: A method of inquiry, in DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (eds.). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA, Sage, pp. 516-529.
- ROLLO, Maria Fernanda (2008). 1918: Pneumónica, ou a Gripe Espanhola. *Ingenium*, 105, pp. 74-76. Acedido a 01-09-2019, em <http://www.ordemengenheiros.pt/pt/centro-de-informacao/dossiers/historias-da-engenharia/1918-pneumonica-ou-a-gripe-e-espanhola/>
- SAMPAIO, Arnaldo (1958). *Subsídios para o estudo da epidemiologia da gripe*. (Tese de doutoramento). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- SEQUEIRA, Álvaro (2001). A pneumónica. *Spanish influenza*. *Medicina Interna*, 8, pp. 49-55.
- SILVA, André Filipe Oliveira (2018). Epidemias e Historiografia em Portugal: Uma Reflexão. Comunicação oral nas *Jornadas de População e Saúde «A Gripe Espanhola de 1918»*. CITCEM, ADEH, APD e Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- SOBRAL, José Manuel; LIMA, Maria Luísa (2018). A epidemia da pneumónica em Portugal no seu tempo histórico. *Ler História*, 73, pp. 45-66. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.4036>
- SOBRAL, José Manuel; LIMA, Maria Luísa; CASTRO, Paulo; SOUSA, Paulo Silveira (2009). *A Pandemia Esquecida, Olhares comparados sobre a pneumónica 1918-1919*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.
- SOUSA, Paulo Silveira; CASTRO, Paula; LIMA, Maria Luísa; SOBRAL, José Manuel (2008). Responder à epidemia: estado e sociedade civil no combate à gripe pneumónica (1918-1919). *Revista História das Ideias*, 29, pp. 469-500. Acedido a 31-08-2018, em https://doi.org/10.14195/2183-8925_29_17
- SPINNEY, Laura (2017). *Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and how it changed the world*. PublicAffairs, New York.
- TRINDADE, Luís (1998). A epidemia da gripe pneumónica. A morte anunciada. *História*, vol. XX, 8, pp. 36-45.
- WALL, Sarah (2006). An Autoethnography on Learning About Autoethnography. *International Journal of Qualitative Methods*, 5, pp. 146-160. Em <https://doi.org/10.1177/160940690600500205>

WILSON, Nick *et al.* (2017). Remembering the 1918 influenza pandemic: national survey of memorials and scope for enhancing educational value around pandemic preparedness. *The New Zealand Medical Journal*, 130, pp. 53-70.

